



O RACISMO NÃO INSTITUCIONALIZADO NA SOCIEDADES NORTE-AMERICANAS NA DÉCADA DE 1960: ANÁLISE DO FILME HISTÓRIAS CRUZADAS (2011)

RACISM NOT INSTITUTIONALIZED IN AMERICAN SOCIETIES IN THE DECADE OF 1960: ANALYSIS OF THE FILM CRUZED STORIES (2011)

Giovana Agostinho de Souza Verri¹

Gustavo Rossi²

Ângela Inês Liberatti³

Pedro Roberto Mineiro Filardi⁴

RESUMO: Tal estudo tem como função demonstrar o preconceito nas sociedades norte-americanas na década de 1960, tendo como base o filme "Histórias Cruzadas". Dessa análise, buscamos evidenciar como a forma de escravidão influenciou na diferença entre o preconceito americano e o preconceito brasileiro. Tendo como metodologia a análise filmográfica adjunto a bibliográfica, sendo de caráter qualitativo. É apresentado também um viés sociológico determinante para o preconceito nas sociedades citadas.

Palavras-Chaves: Americana; Brasileira; Preconceito; Racismo; Sociedade.

ABSTRACT: This project has as function to demonstrate the prejudice on north-american society, in 1960, based on the movie "The Help". With this analysis we search evidence how was the form of captivity affected on the difference is American prejudice and Brazilian prejudice. Having as methodology and analysis movie and bibliography, this search is qualitative method. Presenting too in sociologist for the prejudice on this society.

Keywords: American; Brazilian; Prejudice; Color Prejudice; Society.

¹ Graduanda em História pelo Centro Universitário Toledo - UNITOLEDO.

² Graduando em História pelo Centro Universitário Toledo - UNITOLEDO.

³ Doutoranda em ciências sociais pela PUC-SP (2015 -) Mestre em ciências sociais pela PUC-SP (2001) | Coordenadora dos cursos de licenciatura do Centro Universitário Toledo – UNITOLEDO. Professora dos cursos de Direito e História do Centro Universitário Toledo - RACISM NOT INSTITUTIONALIZED IN AMERICAN SOCIETIES IN THE DECADE OF 1960: ANALYSIS OF THE FILM CRUZED STORIES (2011).

⁴ Mestre em Ciências Sociais pela PUC-SP (2001). Professor do Centro Universitário Toledo - UNITOLEDO. Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 04, n. 01, p. 76-84, jan/jun. 2019.

1. INTRODUÇÃO

Ao discorrermos sobre qualquer forma de racismo e discriminação contra negros, devemos sempre nos atentar ao viés histórico que permeia até os dias atuais sobre tal etnia. Como conhecemos, a sociedade brasileira e estadunidense fora construída em cima de escravidão africana, todavia, cada uma com suas distinções. Para Fausto (2003), o negro além de ser considerado inferior era também destinado a serviços mais baixos, ou seja, aqueles que exigem maior esforço físico. Wedderburn completa (2004, apud, THORNTON, 2007, p.140,141.)

Quando os europeus chegaram na África e se ofereceram para comprar escravos, não é surpreendente que tenham sido imediatamente aceitos. Além de os escravos serem encontrados em profusão na África, existia um comércio de escravos bem desenvolvido [...] Por conseguinte, conclui-se que a participação da África no comércio de escravos foi voluntária e sob controle dos detentores do poder decisório. [...] Dados os interesses comerciais dos estados africanos e o mercado de escravos nas mãos de proprietários privados, não é surpreendente que os africanos tenham sido capazes de responder às solicitações, desde que os preços os atraíssem.

Ou seja, desconstruindo toda uma ideia errônea de que a escravidão africana tenha ocorrido apenas pelo interesse branco, mas também pelo interesse ao comércio dos próprios africanos.

Dando um salto gigantesco na história, em 2016, ainda encontramos inúmeras formas discriminatórias, sobre os agora denominados "grupos de minoria". É notório discorrer que após 128 anos da Lei Áurea⁵, houveram inúmeros avanços no quesito discriminação racial, todavia, Silva (2016) discorre " Hoje a coisa é bem mais sutil, bem mais elaborada [...] então o preconceito, ele, é muito mais grave, porque, atinge pontos que antes não atingia. [...]"

Após as considerações acima colocadas de forma mais geral e ampla, gostaríamos de enfatizar que a proposta de tal estudo é uma visão acerca do preconceito na sociedade americana, na década de 1960, esta conhecida como a década dos movimentos rebeldes, devido ao mundo encontrar-se em total conflito, e na sociedade em questão não era diferente, tais movimentos visavam a diminuição do preconceito e "segregação" racial. Encontramos no longa-metragem "Histórias Cruzadas" (2011), de Tate Taylor, muitas semelhanças e veracidade nas descrições acima colocadas sobre a sociedade estudada, sendo assim, tal trabalho busca esboçar o preconceito não institucionalizado, ou seja, o preconceito que existe,

⁵ Lei que aboliu a escravidão africana no território brasileiro, assinada em 13 de maio de 1888, pela Princesa regente Isabel.

Revista Contemporânea: Revista Unitoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 04, n. 01, p. 76-84, jan/jun. 2019.

mas não é assumido. Nascendo a seguinte problemática " Quais eram as formas de inferiorização racial existentes na sociedade americana na década de 1960?" Buscamos também, elucidar, as diferenças entre o preconceito à americana e à brasileira. Tal estudo é de caráter bibliográfico e documental, de gral qualitativo.

2. OBJETIVOS

Tal estudo busca responder de maneira coerente e concisa tais objetivos: Identificar no longa-metragem "Histórias Cruzadas" as formas discriminatórias contra os negros; Esboçar as diferenças entre o preconceito racial americano e brasileiro e Comparar a sociedade americana dos anos 60 com a brasileira da década de 2000.

3.METODOLOGIA

Para tal estudo utilizamos a análise minuciosa do filme "Histórias Cruzadas"(2011), do diretor Tate Taylor, escolhemos tal filme por notarmos a veracidade em que o mesmo retrata a sociedade norte-americana na década de 60, demonstrando todo o racismo presente contra os negros. Ainda neste é notório o início dos movimentos que visavam igualdade racial. Atrelando a essa análise, fizemos um estudo bibliográfico e documental, para assim entendermos os eixos do racismo e a sociedade americana e brasileira perante a isso, ambos de caráter qualitativo.

4. RESULTADOS

Ao assistirmos Histórias Cruzadas (2011), podemos identificar inúmeras formas de racismo e discriminação contra os negros, o longa narra a história de Skeeter (Emma Stone), ao regressar a sua cidade natal, Jackson, Mississippi, Estados Unidos, formada em jornalismo, percebe que a situação não está tão diferente da que encontrava-se quando ela saiu da pequena cidade. Ao chegar em sua residência, logo nota que sua antiga babá e doméstica (negra), Constantine (Cicely Tyson), já não está trabalhando em sua residência, quando indaga sua mãe, Charlotte (Allison Janey), a mesma diz que a empregada, já de idade, resolveu ir morar com a filha em outra cidade.

Após isso, Skeeter, começa a escrever sobre itens de utilidade doméstica no jornal da cidade, contando com a ajuda da empregada da amiga, Aibileen (Viola Davis), está deixa sempre evidente a vida medíocre que os negros vivem. Desta amizade surge o que levará a trama a seu clímax. De início Skeeter, começa a escrever apenas o relato de Aibileen, mas nota que somente o relato de uma única empregada seria pouco para chamar a atenção da sociedade, junto com sua nova amiga, Skeeter, tenta fazer com que as demais empregadas a ajudem, entretanto estas negam-se. Porém, quando a também doméstica Yule (Aunjanue Ellis), vai presa, por ter se encontrado em uma situação de difícil escolha, o que levou a cometer furto à residência de sua patroa. As demais empregadas, indignadas com a situação, resolvem compartilhar suas mazelas.

Enquanto Skeeter e suas amigas domésticas começam a transcrever os relatos das atrocidades das famílias brancas para com as empregadas negras, Hilly Holbrook (Bryce Dallas Howard), socialite, branca e de grande influência na sociedade, cria um projeto de lei, para que os "serviçais" não possam utilizar o banheiro das casas de seus patrões, ela, alega que os mesmos "têm doenças diferentes". Tal projeto ganha força e é implementado, fato que causa mais repugnância na sociedade trabalhadora. O livro de Skeeter fica pronto, e por incrível que pareça é um sucesso de vendas, este fora lançado com o codinome de autor desconhecido, e logo torna-se comum entre as patroas de Jackson, que encontram semelhanças nas histórias contadas pelas domésticas do Mississippi. O longa termina com o Skeeter sabendo que sua empregada não fora embora e sim demitida, por puro preconceito.

Ao decorrer do longa-metragem identificamos que os preconceitos eminentes contra os negros são: A destinação dos mesmos para os serviços mais inóspitos da sociedade (mulheres, empregadas e homens, braçais), a separação territorial, ou seja, pretos deviam morar em lugares mais distantes e menos avantajados, o antissemitismo contra a miscigenação, isto é, jamais um branco poderia casar com negro e as palavras que as patroas brancas utilizam para falar com as empregadas, "crioulas, negras, suburbanas e outras pejorativas".

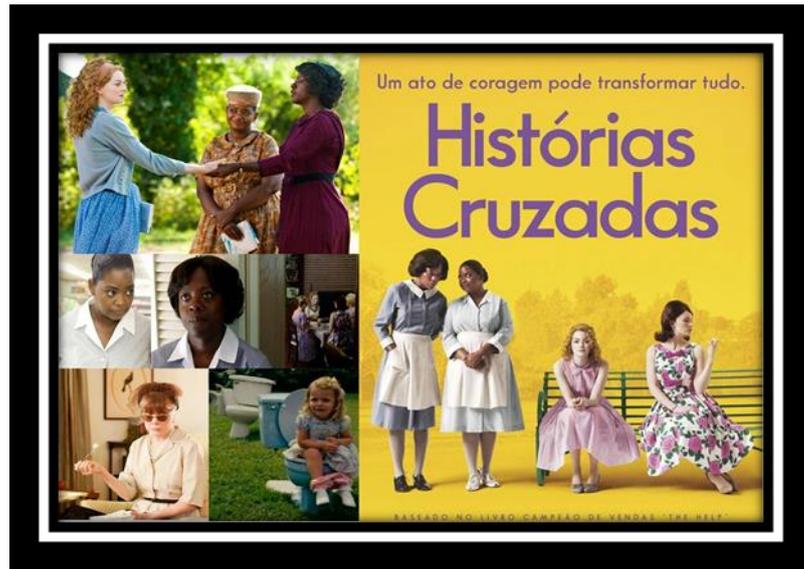


Imagem 1- Pôster do filme Histórias Cruzadas (2011)

Fonte: Imagem da Internet

Correlacionado a obra ao racismo, notamos, que as sociedades norte-americana e brasileira possuem preconceitos distintos. Segundo Damatta (1986) a distinção entre as formas de preconceito dar-se-á pela maneira diferenciada de viver de cada sociedade, a primeira (norte-americana), é pautada em uma segregação igualitária, isto é, não pode haver miscigenação, a outra (brasileira) como nasceu da miscigenação, tem um preconceito relacionado ao poder aquisitivo do indivíduo, grosso modo, ao montante de dinheiro que a pessoa possui.

É que primeiramente devemos ressaltar como as sociedades igualitárias engendraram formas de preconceito muito mais claras, porque sua ideologia negava o intermediário, a gradação e a relação entre grupos que deveriam permanecer separados [...] Tal fato não existiu na sociedade brasileira e até hoje tem débil aceitação social. [...] A mistura de raças foi um modo de esconder a profunda injustiça social contra negros [...] É claro que podemos ter uma democracia racial no Brasil. Mas ela, conforme sabemos, terá que estar fundada primeiro numa positividade jurídica que assegure a todos os brasileiros o direito básico de igualdade [...] Assim, o "racismo à brasileira", paradoxalmente, torna a injustiça algo tolerável [...] (DAMATTA, 1986, p.31-32).

Outro quesito a ser destacado encontra-se no viés histórico da sociedade, o modo pelo qual estabeleceu-se as relações de comércio escravocrata de cada país analisado, enquanto os

Estados Unidos, fez riqueza vendendo escravos na Antilhas⁶, o Brasil, foi totalmente dependente desta mão-de-obra. Observa-se então que a sociedade americana considerou (a) o negro inferior desde os primórdios, e a perda de seu "ganha pão" é um dos fatores determinantes no preconceito não institucionalizado.

Falando sobre o modo de escravidão americana, Furtado (2007), coloca que o meio de vida que o escravo americano tinha era, grosso modo, melhor do que a do brasileiro, logo, o "excedente" de negros no norte da América, era muito maior do que no Brasil, pressupõe-se que quando a escravidão foi abolida nos Estados Unidos⁷, havia um grande número de negros, tão ou maior do que o de brancos. E conviver com eles dentro da mesma sociedade, sem tê-los como sua força de mão-de-obra, seria algo bastante "degradante" para a sociedade branca.

Dadas as distinções de preconceito entre as duas sociedades analisadas, uma questão emerge, será que no Brasil, na última década, existe alguma forma de discriminação que possa ser semelhante com a do longa-metragem "Histórias Cruzadas"? Nossa resposta é: SIM! Tomamos em questão primeiramente o lugar de trabalho dos negros.

"Se observarmos onde se situam os negros no mercado de trabalho, a partir dos dados de posição na ocupação, fica claro que estes se concentram em atividades mais precárias e com menor proteção social do que a população branca". (IPEA/ORG,2003, p.19)

- Enquanto 34,5% dos brancos estão em ocupações com carteira assinada, apenas 25,6% dos negros estão na mesma situação.
- De forma semelhante, 5,9% dos brancos são empregadores, apenas 2,3% dos negros o são.
- No outro extremo, 22,4% de negros concentrados em atividades sem carteira assinada e apenas 16,2% dos brancos em mesma posição.

⁶ Processo conhecido como comércio triangular, que era, a ida dos Estados Unidos à África para comprar escravos e vender para os Holandeses nas Antilhas, para assim terem mão-de-obra no plantio de açúcar, e nas Antilhas, adquiriam melaço e outros derivados da economia açucareira, também ficou a cargo dos americanos o fornecimento de suprimentos básicos de vida para a sociedade antilhana, logo, aliando a venda e o tráfego de escravos com a venda de produtos de sobrevivência nas Antilhas, os Estados Unidos, em menos de 50 anos, fizeram fortuna. Todo esse processo utilizava como roda o Oceano Atlântico. (SOUSA,2016).

⁷ Assinada em 1 de janeiro de 1863, pelo presidente Abraham Lincoln, libertou cerca de 4 milhões de escravos. Revista Contemporânea: Revista Uniletoledo: Arquitetura, Comunicação, Design e Educação, v. 04, n. 01, p. 76-84, jan/jun. 2019.

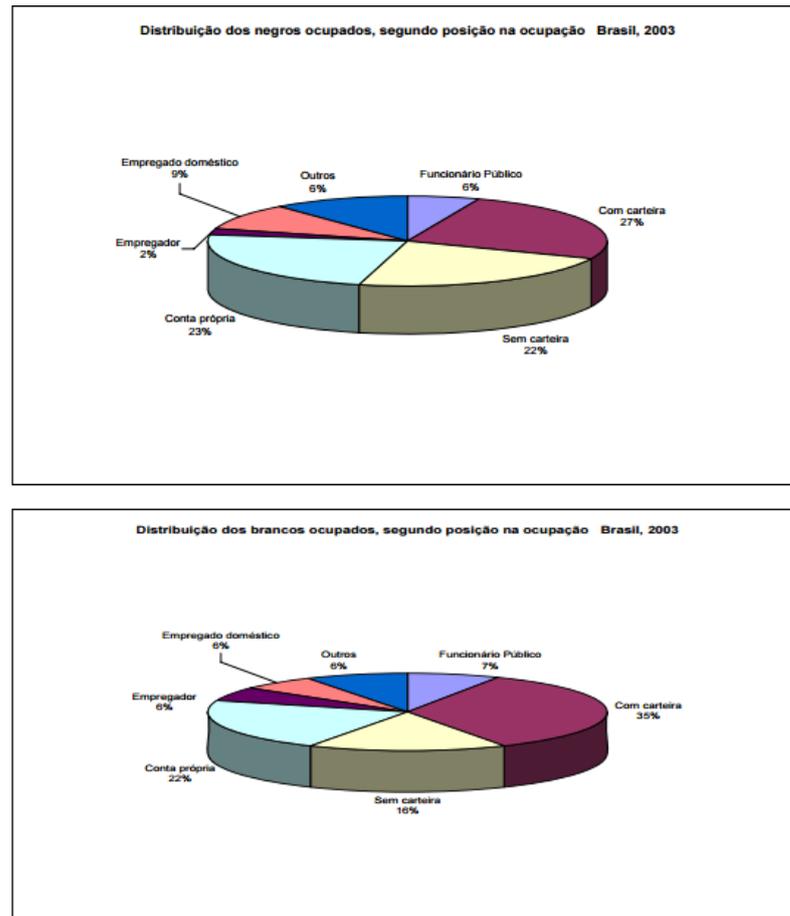


Imagem 2- Gráfico comparativo entre as funções desempenhadas por brancos e negros, em 2003.
 Fonte: IPEA- Instituto de pesquisa de econômica aplicada

Ou seja, embora os "avanços" em relação ao fator discriminação, sejam no papel positivos, notamos que na prática, ainda demonstram fragilidades.

Logo, se os negros continuam a exercer as funções mais "baixas" da sociedade, sua renda também será inferior ao do branco, ainda na pesquisa do IPEA/Org (2003, p.22) encontramos a resposta para a afirmação anterior.

Enquanto o homem e a mulher branca continuam recebendo os mais altos salários, os negros, continuam muito atrás, inclusive abaixo da média do próprio país.

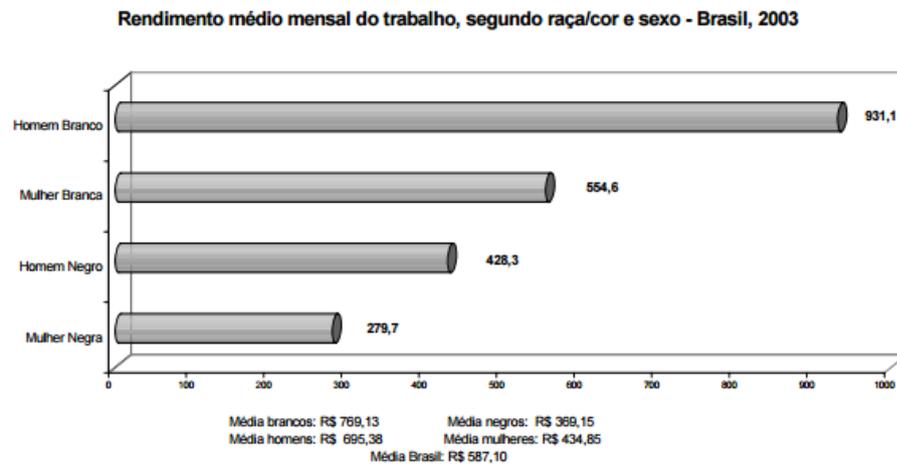


Imagem 3- Rendimento mensal (\$) de acordo com a cor e sexo no Brasil, em 2003.
Fonte: IPEA- Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada

Dadas as representações acima, temos em suma uma breve colocação sobre o preconceito existente no Brasil e, o existente em 1960, nos Estados Unidos, que embora estejam separados por 50 anos, são bastantes semelhantes. Ou seja, o negro é visto como inferior e assim destinado a serviços mais duros e com remunerações extremamente baixas comparados aos brancos.

5. ANÁLISES E DISCUSSÕES

Após tal estudo, chegamos ao consenso de quão duas sociedades, embora, preconceituosas, possuem suas distinções, sobre tal. Podemos ainda elencar alguns tópicos bastantes relevantes sobre a temática para uma discussão ampla, são eles: O viés sociológico de cada sociedade, ou seja, como cada sociedade é constituída e assim suas diferenças, o viés histórico, que nos mostra que o impacto do evento escravidão deu-se de maneira distinta nas sociedades analisadas, e que com sua abolição, cada uma teve seu modo de ver a nova massa livre de cidadãos, e por último, como no Brasil a questão da cor é decisiva para uma vida razoável, o que ainda nos permite discutir a funcionalidade e vulnerabilidade das políticas de ação afirmativa, que visa corrigir as discriminações que são criadas pelo preconceito.

6. CONCLUSÃO

Chegamos então a conclusão que o preconceito é antigo e ainda está bastante enraizado em nosso mundo, todavia, manifesta-se de forma distinta em cada país. É notório dizer, que no caso do Brasil, ainda temos um enorme caminho a percorrer, para quem sabe um dia erradicarmos esse mal que assombra a maioria da população brasileira.

7. REFERÊNCIAS

BRASIL. Luana Pinheiro. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - Ipea (Org.). Brasil Retrato das desigualdades: Gênero e Raça. 2003. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2016.

DAMATTA, Roberto. O que faz o Brasil, Brasil ?. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

FAUSTO, Boris. História do Brasil. 11. Ed. São Paulo: Edusp, 2003.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 34. Ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SILVA, Glória Maria Matta da. Entrevista TV Mulher. In: Youtube. 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=g2PJJ_F6yEQ&list=LLnMH5JRpHlwwTDq-BhyepOg&index=6>. Acesso em: 08 out.2016.

SOUSA, Rainer Gonçalves. O comércio triangular. 2016. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historia-america/o-comercio-triangular.htm>>. Acesso em: 08 out. 2016. Rodapé.

TAYLOR, Tate. Histórias Cruzadas. In: MegafilmesHD. Disponível em: <<http://megafilmeshd20.org/historias-cruzadas/>>. Acesso em: 05 out. 2016.

WEDDERBURN, Carlos Moore. O racismo através da História: Da antiguidade à modernidade. 2007. Disponível em: < <http://www.abruc.org.br/sites/500/516/00000672.pdf>.> Acesso em: 29 set. 2016.